

Iraque: caminhando para a estabilidade?

André Tenório Mourão
22/11/04

O Iraque tem data marcada para sua primeira eleição nacional desde o fim do regime de Saddam Hussein: dia 30 de janeiro de 2005. Serão escolhidos 275 representantes para uma Assembleia de Transição que terá como objetivo principal preparar o terreno para um governo constitucional que será eleito no fim do próximo ano, o que significaria claro avanço no processo de estabilização do país. Contudo, vários elementos ameaçam o sucesso de tais planos. Não só é questionada a viabilidade de eleições num futuro tão próximo, dada a delicada situação de segurança, como são muitas as dúvidas em relação às consequências da escolha proporcional de representantes em um país onde existe um conflito de interesses tão marcante entre diversas etnias. Quais são os elementos relevantes para se pensar a questão das eleições no Iraque? Quais são os possíveis cenários para janeiro de 2005? As dúvidas são muitas.

Grande parte desses questionamentos tem origem nos amplos esforços que as tropas norte-americanas têm despendido para tomar o controle de Falluja: o fato de que uma cidade tão grande – e tão próxima da capital – ainda é objeto de disputa após quase 20 meses desde o início da ocupação não é um bom indicador para a Coalizão. A situação também está longe de ser tranquila na capital do país. atentados e violência são acontecimentos diários em Bagdá. Membros do governo interino, embaixadores e comandantes militares ficam confinados a uma zona fortificada da cidade – a chamada Zona Verde – e, mesmo assim, sua segurança não é garantida: atentados de morteiro são eventos comuns.

Por esse motivo, muitos estão se perguntando como será possível fazer uma eleição nacional que conte com parte representativa da população em um estado de insegurança tão acentuado. Trabalhadores para as eleições já estão recebendo cartas ameaçadoras do grupo de Abu Musab Al-Zarqawi, líder terrorista que tem ganhado muita visibilidade nos últimos tempos com numerosos seqüestros e explosões. Filas de candidatos à polícia iraquiana já foram alvos de atentados em várias ocasiões: o que aconteceria com filas de eleitores?

Por mais que o governo iraquiano declare estar confiante de que a situação vai melhorar até o fim de janeiro – e que mesmo regiões em conflito, como Falluja, vão poder participar da votação – os indícios não apontam tão claramente para esse cenário. Caso o Iraque falhe em ter um número representativo de votantes, a eleição corre o risco de não ser aceita como legítima, um grande tropeço no processo de democratização do país. Por outro lado, a tentativa de promover um processo abrangente ainda em janeiro pode criar um cenário de muita instabilidade, com atentados terroristas e fortes movimentos de insurreição.

Por esse motivo – e graças a poucas perspectivas de que a situação de segurança tenha melhorado definitivamente até o fim de janeiro – há muita pressão para que as eleições sejam adiadas. Com mais algum tempo, a tendência de enfraquecimento dos insurgentes poderia se consolidar em um estado de baixa ameaça, permitindo a realização de um processo eleitoral legítimo e seguro. Caso norte-americanos decidam por realizar eleições ainda em janeiro, resta-lhes uma arriscada – se não utópica – opção: manter distância do processo e dar sinais claros de que não estão envolvidos. Utópica ao se levar em conta que membros do governo interino são vistos como marionetes por alguns setores da população, e ainda mais ao se lembrar que não são apenas comandantes militares norte-americanos que permanecem ilhados na Zona Verde, mas também esses mesmos líderes do governo.

Dados estes elementos, é possível resumir os possíveis cenários para janeiro de 2005 da seguinte maneira. Caso as tropas americanas e a polícia iraquiana tenham sucesso na missão de estabilizar o país até as eleições, a caminhada para a democratização estaria no rumo certo, no entanto, as evidências apontam esse cenário como improvável. Caso o estado de insegurança permaneça, os líderes se defrontarão com a escolha entre uma eleição na data prevista – arriscando não só a não-participação de importantes setores e regiões, mas também uma onda de atos de violência – e o seu adiamento: nesse último caso, as chances de criar condições adequadas à votação aumentariam. Finalmente, não obstante essas considerações, é importante lembrar que a promoção de eleições não é garantia de paz no país: o resultado nas urnas pode acabar sendo um grande elemento de instabilidade.

A incerteza acerca do que deve acontecer após as eleições advém do fato de o Iraque ser um mosaico de etnias, com histórias e interesses diversos. A maioria da população, cerca de 60%, é composta de xiitas, que ultimamente têm demonstrado boa disposição com os ocupantes norte-americanos. Isso se deve, entre outras coisas, à perspectiva de eleições em janeiro, que provavelmente lhe garantiriam não só a maioria no parlamento, mas também a escolha do primeiro-ministro. A ascensão dos xiitas ao poder seria uma relevante mudança na história iraquiana, na qual os sunitas – apesar de serem minoria de 20% – são a classe politicamente dominante desde antes da ascensão do partido de Saddam Hussein. Um terceiro grupo importante é o dos curdos, que já usufruem uma certa autonomia e reivindicam independência ainda maior para o seu território: estes têm sido os maiores aliados dos Estados Unidos no Iraque.

Atualmente, os interesses diversos desses grupos têm tido importante papel na definição da conjuntura no Iraque. Os sunitas, temerosos ante a possibilidade de perder ainda mais de seu poder, são os principais responsáveis por revoltas e atentados terroristas que ocorrem por todo o país, além de estarem promovendo uma campanha para boicotar as eleições. Vale lembrar que muitos partidários de Saddam Hussein perderam suas posições como funcionários públicos e soldados com o fim da ditadura. Ao contrário da previsão de muitos analistas, com a ocupação, não se observa um reforço ao pan-arabismo dentro do país. Os xiitas, que antes foram contra a repressão dos rebeldes, como na primeira tentativa de ocupar Falluja, hoje permanecem relativamente pacíficos, ansiosos pelas eleições em janeiro. A perspectiva de possuir a maior fatia do poder tem acalmado os ânimos da etnia. Os curdos, por sua vez, desejam um regime secular, federativo e que, acima de tudo, lhes conceda maior autonomia regional.

Duas importantes questões surgem dessas constatações. Em primeiro lugar, qual será a atitude dos sunitas diante da possibilidade de ocorrer uma eleição na qual eles provavelmente serão relegados a uma posição secundária? Na verdade, a resposta a essa pergunta já vem se formando nos últimos tempos, com a ameaça de um boicote à votação, os contínuos ataques terroristas e vários levantes armados contra as tropas de ocupação. O que se espera é um recrudescimento ainda maior da violência à medida que janeiro se aproxima, a não ser que as tropas de ocupação tenham sucesso em corroer o poder da resistência.

A resposta para a segunda questão é, de certa maneira, mais difícil de estimar: como se comportarão as diferentes etnias após a divulgação do resultado das eleições e durante o processo de consolidação das instituições governamentais? Os sunitas, encontrando-se derrotados, aumentarão suas ações de revolta ou aceitarão sua condição? Os xiitas, se vencedores, garantirão a participação política dos sunitas em troca de estabilidade? O regime vencedor dará a autonomia desejada aos curdos?

É importante notar que muitos têm uma visão míope em relação ao Iraque: o fim não é a conquista de Falluja, nem mesmo as eleições em janeiro. Pelo contrário, a apuração dos resultados pode mostrar-se um grande elemento de instabilidade, principalmente se sunitas entenderem esse evento como o ápice de sua frustração e revolta diante da ocupação e da derrubada do regime de Saddam Hussein. Se a fatia da etnia que resiste à ocupação parece enfraquecida após forte repressão das tropas da Coalizão, sua insatisfação pode encontrar solidariedade em alguns dos países vizinhos do Iraque, amplificando a voz da minoria.

São muitos os receios dos países da região: se há poucos dias eles reforçaram a importância de eleições democráticas ainda em janeiro, fazendo eco à vontade do governo iraquiano, é porque – acima de tudo – eles temem o caos na região. Isso não os impede de ter muitas reservas em relação ao que está acontecendo. A presença norte-americana na região é muito mal vista por alguns países, especialmente Irã e Síria, que inclusive já foram compreendidos

por fazer “vista-grossa” à entrada de rebeldes em território iraquiano. Essa indisposição é ainda maior por causa da provável ascensão de xiitas ao poder, que é vista por muitos governantes como um desastre. Muitos também temem que um governo que favoreça a posição dos curdos iraquianos acabe também por incentivar a etnia curda espalhada pela região a lutar por uma nação independente.

Em síntese, os possíveis cenários para o Iraque em 2005 são mais numerosos do que a análise superficial indica. Caso o governo se mostre realmente resoluto a fazer as eleições em janeiro, estas podem ser boicotadas – e até mesmo combatidas – pelos sunitas. Os xiitas iraquianos não têm demonstrado grande revolta em relação à repressão americana a pontos de insurreição sunitas, um indicador de que não se sentem responsáveis por responder aos interesses da etnia minoritária. Parte da revolta dos antigos donos do poder provavelmente poderia ser apaziguada caso líderes xiitas dessem demonstrações sinceras de que estão dispostos a garantir a participação política dos sunitas, no entanto, a idéia de eleições proporcionais parece ser mais confortável à etnia majoritária: os revoltosos estão conscientes disso.